

CONTEXTO ECLESIAL DA MISSÃO NA AMÉRICA LATINA E O DESAFIO DA MISSÃO PARA A VIDA RELIGIOSA MISSIONÁRIA

Prof. Dr. Pe. Pedro Iwashita CSSp.

RESUMO

O Concílio Vaticano II (1962-1965) teve um importante significado para o chamado *aggiornamento* e diálogo da Igreja com o mundo de hoje. A intenção do Concílio foi eminentemente pastoral, com o desejo de reler e reinterpretar o Evangelho para os nossos dias. Na América Latina procurou traduzir e aplicar o Vaticano II para a sua própria realidade através da Conferência de Medellín, e mais tarde através de Puebla e Santo Domingo. Medellín, Puebla e Santo Domingo foram eventos eclesiais que tem imprimido o rosto da Igreja latino-americana e seu dinamismo missionário, principalmente através da vida religiosa consagrada.

Palavras-Chave: Concílio, Conferência, Diálogo.

ABSTRACT

*Council Vatican II (1962-1965), had an important one meant for the call *aggiornamento* and dialogue of the Church with the world of today. The intention of Council was eminently pastoral, with the desire to reread and to reinterpret the Gospel for our days. In Latin America it looked for to translate and to apply the Vatican II for its proper reality through the Conference of Medellín, and later through Puebla and Santo Domingo. Medellín, Puebla and Santo Domingo had been eclesial events that have printed the face of the Latin American Church and its missionary dynamism, mainly through the consecrated religious life.*

Key Words: Council, Conference, Dialogue.

INTRODUÇÃO

Falando em contexto eclesial, não podemos deixar de lembrar o que significou o Concílio Vaticano II (1962-1965) para o chamado *aggiornamento* e diálogo da Igreja com o mundo de hoje, cujo jubileu de 40 anos comemoramos recentemente. Conforme LORSCHIEDER (2004, 5), “o grande objetivo do Vaticano II era, na opinião do papa João XXIII, a evangelização do mundo atual. Como fazer para que o mundo de hoje se abra ao Evangelho? Como evangelizar o mundo de hoje? Como anunciar o Evangelho para o mundo de hoje e como vivenciá-lo?”.¹ Desta vez um concílio tinha sido convocado, não para condenar e sim com a preocupação de salvar, o que mostra que a intenção do concílio era eminentemente pastoral, com o desejo de reler e reinterpretar o Evangelho para os nossos dias, sem querer com isso anular os concílios do passado, mas simplesmente abrir-se ao novo que estava sendo gestado, através de uma pastoral do amor compreensivo, humilde, serviçal, dialogante, e de doação de si mesmo.² Metodologicamente, o Vaticano II “trabalha com duas realidades: a revelação e a situação. Há uma nova concepção teológica da salvação. A salvação não é colocada antes ou depois do mundo, mas dentro do mundo. A salvação constrói-se neste mundo, onde temos as sementes do Verbo, embora não se esgote com a realidade e na realidade desse mundo. É a teologia do Reino de Deus já presente e atuante no mundo. O Evangelho é a semente evangélica colocada no coração da Igreja e da humanidade. Por isso, não mais fuga do mundo, mas presença evangélica atuante no mundo” (LORSCHIEDER, 2004, 7).

Com o encerramento do Concílio Vaticano II (1965), surge a necessidade de aplicá-la e ao mesmo tempo traduzi-la para a realidade da América Latina. A segunda conferência do episcopado latino-americano (CELAM), foi realizada em Medellín, na Colômbia, em 1968, e que foi considerada como sendo o acontecimento eclesial do século no continente. Seguindo a inspiração do Vaticano II e da encíclica *Populorum Progressio* (1967), Medellín formulou 16 documentos em que analisa criticamente o subdesenvolvimento,

¹ LORSCHIEDER, Aloísio Cardeal, na apresentação do livro GONÇALVES, Paulo Sergio Lopes; BONBONATTO, Vera Ivanise (Org.). Concílio Vaticano II. Análise e perspectivas. São Paulo: Paulinas, 2004.

² Cf. *ibidem*, 5.

a opressão e a carga histórica que pesa sobre os povos deste continente, buscando como resposta a necessidade de se realizar uma evangelização libertadora.³ A conferência de Puebla (1979), embora seguisse as pegadas de Medellín, porém assume um procedimento e um método diferente, ocupando-se com questões como dignidade humana e direitos humanos; análise crítica dos sistemas políticos do ponto de vista eclesiológico e cristológico e a responsabilidade evangelizadora da Igreja, e a Teologia da Libertação passou a ter um papel importante no meio eclesial. A comunidade eclesial como um todo é vista como portadora da responsabilidade por uma evangelização libertadora concretizada no desenvolvimento integral do homem, defesa dos direitos humanos, procurando a Igreja ser defensora dos pobres e de seus direitos. Os bispos foram chamados a serem solidários com o povo e promovendo a fraternidade fundamentada na práxis cristã. O desejo de libertação deve conduzir os bispos a convocar todos os cristãos, sem diferença de classe, a serem solidários com os excluídos da sociedade.⁴ A conferência de Santo Domingo (1992), por sua vez, teve o objetivo de traçar as linhas fundamentais de um novo impulso evangelizador, que ponha Cristo no coração e nos lábios, na ação e na vida de todos os latino-americanos. É esta a nossa tarefa: fazer com que a verdade sobre a Igreja e o homem penetre mais profundamente em todas as camadas da sociedade, em busca da sua progressiva transformação” (SD, 3), tendo como temas fundamentais a nova evangelização, a promoção humana e a promoção de uma cultura cristã.

Medellín, Puebla e Santo Domingo, foram eventos eclesiais que tem imprimido o rosto da Igreja latino-americana. E neste início do novo milênio como se define o rosto da Igreja neste continente? As conquistas, sobretudo de Medellín e de Puebla, são irrevogáveis, porém tem havido uma mudança nos acentos. Conforme LORSCHIEDER (2002), neste início do novo milênio, percebe-se que nos encontramos numa Igreja Peregrina na história sob a ação do Espírito Santo e a guia dos legítimos pastores. Ela se apresenta de um lado com forte acento institucional, com a preocupação do bom funcionamento da Instituição. Em alguns setores dá-se ênfase ao espetáculo

³ Cf. RZEPKOWSKI, Horst. *Lexikon der Mission*. Geschichte – Theologie – Ethnologie. Graz Wien Köln: Verlag Styria, 1992.

⁴ *Ibidem*, 350.

emocional para se contrapor ao fenômeno das seitas, deixando de tocar nos aspectos sociais da fé em vista de uma transformação da sociedade. “Uma igreja alegre, que canta, bate palmas, pula, mas não toca no calo de ninguém; de outro lado, uma igreja que põe o acento no compromisso com a comunidade, de modo especial o compromisso com a justiça e a libertação do povo, além da busca de uma integração e soma de forças com todos, cristãos, não cristãos, não crentes. E uma Igreja junto do povo, caminhando com o povo, assumindo com o povo as dores e angústias do nosso mundo. Uma Igreja socialmente engajada, uma Igreja sal, fermento, serviço, povo, igreja profética, missionária, libertadora” (LORSCHIEDER, 2002, 72)⁵.

É neste contexto eclesial que tem se aclimatado também a vida religiosa missionária (VRM) na América Latina. Conforme Edênio Valle⁶, contextualizando agora a VRM latino-americana, ela se encontra atualmente, depois da efervescência criativa dos anos entre 1960 e 1970 e seguintes, numa encruzilhada, em que existe o desafio da necessidade de uma auto-definição de si como figura histórica nova ou constantemente chamada em questões em que estão ocorrendo transformações em um mundo que parece ir para um processo de mudança fundamental. E nesse ponto, depois de tantos anos falando em evangelização e renovação da igreja e missão, não se conseguiu ainda suficiente clareza sobre questões muito importantes da missiologia. Não é somente o conceito teológico de missão e de vida religiosa missionária que se mostram insuficientes, mas também a sua forma concreta sociológica e sua própria definição histórica que não estão bem definidas, de modo que a maior dificuldade está em determinar quais os objetivos concretos, relações organizacionais e estilos de comportamento

⁵ LORSCHIEDER, Aloísio Cardeal. “A atual conjuntura eclesial neste início de Novo Milênio”. In: Teologia em questão, Taubaté, 2002/1, 71-87. A Igreja no Brasil sempre mais consciente de sua responsabilidade missionária, elaborou o documento “Queremos ver Jesus – Caminho Verdade e Vida”. Projeto Nacional de Evangelização (2004)-2007). Documentos da CNBB nº 72. São Paulo: Paulinas, 2005, e que teve a sua confirmação e aprofundamento na 43ª Assembléia Geral dos Bispos do Brasil; cfr. “Evangelização e missão profética da Igreja – Novos desafios”. Documentos da CNBB nº 80. São Paulo: Paulinas, 2005.

⁶ Cfr. VALLE, Edênio, SVD. “Mission for the twenty-first century in Latin America: a view from the perspective of the Missionary Religious Life”. In: Bevans, Stephen B.; Schroeder, Roger (ed.). Mission for the 21 st century. Chicago: CCGM Publications, 2001, 129-148. Edênio Valle, SVD, foi presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB-Nacional).

do carisma missionário como sacramento de salvação para todo o gênero humano. Parece que a presente VRM como um todo, se apresenta incapaz de explicar para o mundo, para a igreja e para os próprios religiosos e religiosas, toda a criatividade carismática que devia pertencer a ela. Porém o aspecto mais fundamental nesse processo de convergências e divergências tem sido o redescobrimto da originalidade da formação histórica da VRM latino-americana, no sentido de que a imagem própria de missionário não é mais vista do ponto de vista do “centro” (Europa), mas ela é vista de nosso próprio “lugar periférico” no contexto global do mundo e da igreja hoje e desenvolvendo uma nova consciência de nossa responsabilidade em relação à missão universal da igreja, o que não significa que já exista na igreja Latino-americana e na VRM, uma plena consciência de seu papel na igreja mundial, mas o rosto da VRM Latino-americana não se pode imaginar sem estar em solidariedade com o pobre e os excluídos do mundo inteiro.

É na década dos anos 90, conforme Edênio Valle, que a VRM Latino-americana parece ter entrado por uma fase de transição. As mudanças ocorridas depois da queda do socialismo e a afirmação do modelo neoliberal em economia, cultura e política colocaram a VRM em uma “encruzilhada histórica” marcados pelos problemas típicos de pós-modernidade, fazendo com que muitos religiosos fossem retrocedendo para atitudes mais individualistas e passivas em relação à possibilidade de solucionar os problemas na sociedade e na igreja, em contraste à atitude mais crítica e ativa da década de 70. E nesta situação não é fácil para a VRM, manter, por um lado, o princípio de opção pelos pobres e a espiritualidade de libertação, e de outro lado, exercer um papel profético e crítico na nova situação, distinguindo nela o que é destrutivo para as pessoas e o que oferece oportunidades para eles e que pede uma atuação do missionário. É nesse sentido que a VRM se encontra em uma encruzilhada, o que leva alguns a se perguntarem sobre como deve ser o perfil da VRM no futuro imediato. Na tentativa de procurar uma resposta, a CRB no seu objetivo principal para o período de 1998-2001, diz que na refundação da vida religiosa, é necessária a inserção na realidade social, cultural, política, econômica e religiosa; pela identificação com os valores, padrões e modos de ser e pensar de nossa gente, tendo um compromisso definido de lutas pela dignidade e justiça para todos de modo especial pelos excluídos pelo processo econômico neoliberal. As palavras significativas dessa fase transitiva são: clemência, doação, gratuidade, atenção, ternura, leitura orante, reconciliação, “Deus-mãe”, solidariedade,

sensibilidade, esperança, simbiose e ecofeminismo. Isso mostra que VRM permanece comprometido com a defesa da dignidade, liberdade e qualidade de vida; estima dos direitos fundamentais das pessoas e das minorias; solidariedade efetiva entre as pessoas e religiões; denúncia de toda e qualquer forma de injustiça, e sensibilidade para as situações de miséria, fome e a guerra; interesse pela ecologia; crítica das injustiças econômicas. Em outras palavras, a VRM Latino-americana, está no presente, tentando criar um novo modo de presença centrada na inserção, libertação e inculturação, animada por uma espiritualidade bíblica aprendida nos últimos trinta ou quarenta anos. Algumas das marcas positivas e negativas dessa fase são: a diversidade de culturas dentro da VRM Latino-americana (culturas afro e indígenas); interação dos gêneros; o engajamento do leigo; ecumenismo e diálogo interreligioso ou “macroecumenismo”, área para a qual o missionário está ainda mal preparado aqui na América Latina. O problema, freqüentemente mal resolvido dentro da VRM, é o da maturidade humana e afetiva dos membros. Em um tempo de individualismo crescente, somente a personalização desta dimensão e a renovação da vida de comunidade missionária, pode oferecer uma base afetiva e social sólida, para uma atuação mais frutífera nos areópagos

⁷ Cfr. Documentos da CNBB 61. Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 1999-2002. São Paulo: Paulinas, 1999; Documentos da CNBB 71. Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2003-2006. São Paulo: Paulinas, 2003; Documentos da CNBB 72. Projeto nacional de evangelização (2004-2007) – Queremos ver Jesus – caminho, verdade e vida. São Paulo: Paulinas, 2003; Documentos da CNBB 80. Evangelização e missão profética da Igreja – novos desafios. São Paulo: Paulinas, 2005.

⁸ 1º Congresso Missionário Nacional. Belo Horizonte, MG, 17 a 20 de julho de 2003.; o 1º Congresso Missionário Interinstitucional. “Cerca de 250 religiosas e religiosos que trabalham no Brasil, de 25 nacionalidades, representantes de 70 institutos missionários, participaram do 1º Congresso Missionário Interinstitucional que foi realizado em São Paulo, no Centro Educativo La Salle, de 21 a 23 de abril. Objetivo do evento foi animar a vida dos institutos e das congregações missionárias para que possam delinear metas para uma nova ética e para projetos comuns de ação e animação missionária na Igreja no Brasil. Os participantes foram convidados a refletir e a debater sobre a releitura do Decreto Ad Gentes após 40 anos do Vaticano II e seus desdobramentos para a vida consagrada. O congresso contou com a assessoria de Pe. Paulo Suess e Pe. Edênio Valle, e com a presença do bispo presidente da Comissão para a Ação Missionária da CNBB, Dom Sérgio Castriani, da presidente da CRB, Ir. Maris Bolzan, do Diretor das Pontifícias Obras Missionárias, Pe. Daniel Lagni e do Diretor do Centro Cultural Missionário, Pe. Guido Labonté. São cerca 200 as congregações no Brasil que enviam missionários e missionárias para o mundo afora. Atualmente, são cerca de 1,8 mil os religiosos brasileiros espalhados nos cinco continentes. 80% desse total é representado por religiosas”. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/>, 14/02/06, 22:30.

⁹ CNBB, Doc. 61, 8-10.

dos tempos modernos apontados pelo papa João Paulo II na sua encíclica missionária *Redemptoris Missio* (RM 37).

É importante salientar a necessidade da inserção da VRM na Igreja local. No caso do Brasil, a Igreja tem feito um imenso trabalho de formação e de conscientização missionária, e com a publicação, desde 1999, das Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil⁷, e a realização de congressos missionários⁸, que demonstram a consciência da responsabilidade missionária da Igreja, da qual a VRM é chamada também para participar.

Evangelizar⁹ é palavra-chave que resume toda a ação de Jesus, fazer chegar a Boa Nova a todos, Boa Nova que é o Reino de Deus e a salvação para todos através de Jesus Cristo, que realiza em sua pessoa e em sua vida, o que os profetas preanunciaram: cumpriu-se o tempo: “O Reino de Deus está no meio de vós” (Lc 17, 21). Evangelho é toda a existência de Jesus, desde o seu nascimento até sua morte e ressurreição gloriosa. Portanto, viver como Jesus há de ser também o projeto de todo cristão evangelizador, e particularmente da VRM. Só se dispõe a evangelizar aquele que aceita e segue o caminho de Jesus. “Vem e segue-me” é o convite fundamental que o Senhor continua fazendo a todos os que querem participar da aventura do Reino, convite esse feito de forma mais radical à VRM. Para evangelizar é preciso primeiro se deixar evangelizar, procurando ouvir o que Deus fala, a exemplo da Virgem Maria, acolhendo a Palavra “com a alegria do Espírito Santo”, e aceitá-la “não como palavra humana, mas como “verdadeiramente é: Palavra de Deus que está produzindo efeito entre vós” (1 Ts 2, 13), pois só uma Igreja missionária e evangelizadora experimenta a fecundidade e a alegria de quem realmente realiza sua vocação. “Assumir permanentemente a missão evangelizadora é para todas as comunidades e para cada cristão, a condição fundamental para preservar e reviver o clima pascal de “alegria no Espírito” (Gl 5, 22) que animou a Igreja em seu nascimento e a sustentou em todos os grandes momentos de sua história. Por isso, o Apóstolo Paulo podia afirmar com todo o vigor: “Anunciar o Evangelho não é título de glória

¹⁰ Doc. CNBB 61, 10.

para mim. É, antes, uma necessidade e se me impõe. Ai de mim se não evangelizar!” (1Cor 9, 16)”.¹⁰

CONCLUSÃO

É essa urgência da missão que está fazendo que com que a Igreja do Brasil dê de sua pobreza e está enviando generosamente missionários para várias regiões do mundo.

Dentro desse espírito estão redigidas as palavras de envio missionário, formuladas por Dom Erwin Kräutler, Bispo de Altamira, Xingu PA:

“Proponho, como o fiz em El Salvador, uma nova fórmula de envio de missionários (-as) para além-fronteiras e “ad gentes”:

Vai meu irmão, minha irmã! Lá, em tua nova missão, em tua nova terra, em tua nova pátria, anunciarás Jesus Cristo e o seu Evangelho, servirás aos pobres, aos excluídos do banquete da vida, lavando-lhes os pés, falarás com quem nunca andou ou não anda mais conosco.

Tu te aproximarás com muito carinho a um povo com cultura e tradições diferentes. Chegando lá, estranharás, sem dúvida, os costumes e usos locais. Mas, não imporás as tuas idéias! Não apresentarás o país que te viu nascer como paraíso! Não dirás nunca que no lugar onde te criaste, as coisas estão bem melhores! Não darás nunca a impressão de que vieste para ensinar, para civilizar, para instruir, para colonizar!

Jamais violentarás a alma do povo que, doravante, será o teu povo! Oferecerás simplesmente o testemunho de tua fé, de tua esperança e de teu amor, e darás a tua vida até o fim, até as últimas conseqüências! Assim, tu terás o privilégio e a felicidade de viver a graça de todas as graças! Encontrarás o Senhor que disse: ‘Depois que eu ressuscitar, irei à vossa frente para a Galiléia’ (Mc 14,28). Missão é sempre ir à Galiléia, às Galiléias de todos os continentes!

Nossa Senhora Aparecida, de Nazaré, de Guadalupe e “de tantos nomes mais” te proteja sempre e em todos os lugares por onde andares!

Agora, meu irmão, minha irmã, é hora de partir! Desata e enrola de uma vez a tua rede, pega a tua boroca ou mochila, despede-te de pai e mãe, da família, de quem te ama e a quem tu amas! E vai em frente! Vai em frente! Segue o teu caminho e não olha mais para trás!

Todo mundo vai rezar por ti! Vai acender velas ao pé da Santa!
Vai com Deus! Vai com Deus! Amém! Amém!”

BIBLIOGRAFIA

LORSCHIEDER, Aloísio Cardeal. “A atual conjuntura eclesial neste início de Novo Milênio”. In: *Teologia em questão*, Taubaté, 2002/1, 71-87.

RZEPKOWSKI, Horst. *Lexikon der Mission*. Geschichte – Theologie – Ethnologie. Graz Wien Köln: Verlag Styria, 1992.

VALLE, Edênio, SVD. “Mission for the twenty-first century in Latin America: a view from the perspective of the Missionary Religious Life”. In: Bevens, Stephen B.; Schroeder, Roger (ed.)

Prof. Dr. Pe. Pedro Iwashita, CSSp.

Doutor em Teologia Dogmática pela Faculdade de Teologia da Universidade de Fribourg, Suíça, professor titular de teologia no curso de graduação e pós-graduação na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.